

PSICOLOGÍA, CIENCIA Y PROFESIÓN: MIRANDO AL FUTURO

O USO DO FACEBOOK E AS EMOÇÕES EXPERIENCIADAS PELAS CRIANÇAS NA ÓPTICA DOS SEUS PROFESSORES

Lillian MoreiraInstituto de Educação – Universidade do Minho
moreira.lilian.12@gmail.com**Zélia Anastácio**CIEC, Instituto de Educação – Universidade do Minho
zeliaf@ie.uminho.pt**Altina Ramos**CIED, Instituto de Educação – Universidade do Minho
altina@ie.uminho.pt*Fecha de Recepción: 2 Enero 2016**Fecha de Admisión: 15 Febrero 2016*

RESUMO

Atualmente a rede social mais visitada em todo o mundo é o Facebook. Além de nos permitir ter um perfil pessoal podemos partilhar fotos, vídeos, mensagens e outros ficheiros. No Facebook também é permitido criar grupos fechados onde os seus membros podem interagir através de mensagens escritas, de áudio, de vídeo e/ou imagens. Tanto esta rede social quanto os grupos dentro da mesma podem ser usados de forma indevida, mas, por outro lado, também podem ser utilizados para aprender, aprender a fazer, conhecer, desenvolver a linguagem escrita e outras competências.

O nosso estudo teve como objetivo conhecer a perceção de educadores de infância e professores de primeiro ciclo do ensino básico relativamente ao uso do Facebook por parte das crianças, bem como às emoções que as crianças manifestam neste uso. Foi um estudo transversal, para o qual construímos e validámos um questionário específico, com questões fechadas sobre o uso da respetiva rede social. O instrumento foi disponibilizado e preenchido online através do Google Forms. A amostra foi de conveniência, tendo sido constituída por 75 indivíduos (69 mulheres, 6 homens) com idades compreendidas entre os 25 e os 56 anos.

Os resultados evidenciam que os professores e educadores discordam essencialmente que as crianças aceitem pedidos de amizade e comuniquem pelo chat do Facebook com pessoas que não conhecem, concordando mais que usem para comunicar com familiares e amigos, para aderir a grupos com o objetivo de aprender e que permitam o acesso dos adultos à sua conta. No respeitante às emoções e sentimentos registou-se maior discordância quanto ao facto de as crianças preferirem estar no Facebook do que na presença dos seus amigos e de se sentirem dependentes do uso

do mesmo. Porém, observou-se o maior nível de concordância para o facto de ficarem aborrecidas se as obrigarem a sair do Facebook.

Palavras Chaves: Crianças, Facebook, Emoções, Professores

ABSTRACT

Facebook use and emotions experienced by children in the view of their teachers

Currently the social network most visited in the world is Facebook. In addition to allow us to have a personal profile we can share photos, videos, messages and other files. On Facebook it is also allowed to create closed groups where their members can interact through text, audio and video messages and/or images. Either this social network or the groups created within the same can be used improperly, but on the other hand, it can also be used to learn, to learn to do, to acquire knowledge, to develop the written language and other skills.

Our study aimed to know the perception of early childhood educators and primary school teachers regarding the use of Facebook by children, as well as the emotions they manifest when using it. It was a cross-sectional study, for which we carried out and validated a specific questionnaire with closed questions about the use of these social network. The instrument was available and filled in online through Google Forms. It was a convenience sample, which included 75 individuals (69 women, 6 men) aged between 25 and 56 years.

The results highlight that teachers and educators disagree essentially that children accept friend requests and communicate through Facebook chat with people who they do not know, agreeing more they use to communicate with family and friends, to join groups in order to learn and that they allow adults to access to their account. Regarding emotions and feelings greater disagreement was observed about the fact that children prefer staying on Facebook than in the presence of their friends and to feel dependent on the use of it. However, the highest level of agreement was obtained for the fact of children being boring if someone oblige them to leave Facebook.

Key-words: Children, Facebook, Emotions, Teachers

Quem, nos dias de hoje, não tem uma conta no Facebook? Quem não tem um registo de perfil nesta rede social corre o risco de ser considerado uma pessoa “excluída da sociedade”. É do conhecimento público que o Facebook é a segunda página mais visitada do mundo, sendo o Google a primeira. O Facebook é a empresa de maior crescimento da história, e no final de 2010, tinha mais de 400 milhões de membros ativos, ou seja, 20% dos utilizadores da internet possuem uma conta nesta rede social. E a empresa continua a crescer 5% por mês .

A partir de uma simples ideia, para ajudar os novos estudantes de Harvard a conhecerem os colegas, Mark Zuckerberg, em 2004, inventou *The-facebook*. Atualmente esta ideia vale ouro. Os melhores sucessos empresariais nascem de ideias simples. Zuckerberg tinha apenas o intuito de propiciar aos estudantes a conexão entre si e com os novos alunos. Seria uma outra forma de estar em contato com colegas não apenas de curso, mas com todos os colegas da mesma universidade. Para isso, desenvolveu uma rede social que é conhecida por todos. Em 2005, outras universidades juntaram-se à comunidade e o nome foi mudado para “Facebook” (Piscitelli, Adaime & Binder, 2010).

Mas o que é o Facebook? Atualmente, é a rede social mais visitada em todo o mundo. Esta rede social continua a ser uma forma não só de ter um perfil pessoal, mas também um meio de partilhar fotos, vídeos, mensagens e outros ficheiros. No Facebook, também é permitido criar grupos fechados que funcionam como uma sala virtual privada, onde todos podem interagir através de mensagens escritas, de áudio, vídeo e/ou imagens. Tais grupos possibilitam o diálogo e o intercâmbio.

Todos sabemos que tanto a rede social quanto os grupos dentro da rede podem ser usados de forma indevida, mas, por outro lado, também podem ser utilizados para aprender, aprender a fazer, conhecer, desenvolver a linguagem escrita, entre outros (Moreira, 2014).

Para se registrar no Facebook é preciso que o usuário tenha um computador com ligação à internet e um endereço de correio eletrônico. Neste registo, alguns dados pessoais são solicitados, nomeadamente: nome e sobrenome, data de nascimento e e-mail.

Segundo Silva Filho (2010), o Facebook é o serviço de rede social que mais novos utilizadores conquistou nos últimos anos. Além do aumento de utilizadores, o tempo de conexão a esta rede também aumentou. O mesmo autor afirma que *“as tecnologias permitem a colaboração entre as pessoas, além de propiciarem intensa troca de informações e experiências, novas descobertas e compartilhamento de opiniões”*. A troca de opiniões acontece de forma não hierarquizada nos grupos do Facebook; esta interação pode acontecer de pessoa para pessoa e de pessoa para o grupo.

Para Dias (2001, p.1), é a partir das interações realizadas na comunidade, que estes ambientes de comunicação promovem o desenvolvimento de competências de gestão dos processos individuais e colaborativos de aprendizagem, bem como o acesso às representações de conhecimento partilhadas pela comunidade.

Desta forma, as pessoas, quando estão conectadas à internet e especificamente às redes sociais para interagir com outras pessoas, não poderão trocar experiências e também refletir um pouco sobre a sua prática pedagógica? Destarte, o papel do investigador seria o de moderar discussões e momentos de reflexão sobre a prática docente, envolver os formandos no grupo para serem coparticipantes na criação de um grupo reflexivo para que se possa efetivar momentos de partilha, não apenas de conteúdos, mas também de reflexões.

O nosso objetivo era saber se as crianças têm acesso ao Facebook e se o usam como novas rotinas de aprendizagem, de conceção, de participação a fim de gerar, de forma colaborativa, a construção de novos conhecimentos, se usam para jogos (educativos ou não), se usam para comunicar-se com amigos e familiares, se usam a referida rede social para conhecer novas pessoas fora do seu círculo de amigos offline e se permitem a supervisão de um adulto na sua conta. Segundo Castells (1996, p. 119), *“as novas redes de comunicação têm uma dimensão cultural própria que transformaram a natureza da comunicação de forma colossal, cujo principal fomentador foi a Internet”*. O autor ainda afirma que a difusão lógica de criação das redes propicia também o processo de produção de experiência, de poder, de cultura e segundo Barra (2004) de contracultura também.

Nesta pesquisa tentamos perceber qual a percepção que os professores têm em relação ao uso do Facebook pelos seus alunos. Acreditamos, como Amante (2014) que:

A sociedade em rede surge como uma sociedade *hipersocial*, onde as tecnologias se integram no quotidiano ligando o mundo real ao virtual de tal modo que esta distinção, especialmente nos mais jovens, deixa mesmo de fazer sentido. Com efeito, para os jovens e adolescentes a rede social é a continuação da sua vida offline. Um e outro mundo são a mesma coisa, coexistem e fundem-se, sem qualquer distinção. Importa, no entanto, aprofundar não só a natureza destas interações como perspetivar estes novos contextos, pesquisando em que medida estas novas formas de relacionamento e comunicação criam novos conceitos de sociabilidade, de participação, redesenham noções de privacidade e, para além disso, redesenham muito provavelmente o nosso funcionamento social e mental. (p. 40)

Pensamos, ainda, que esta rede seria uma forma de mediar não apenas as relações pessoais e interpessoais, mas principalmente a construção de novos conhecimentos de forma colaborativa e partilhada entre as crianças em grupos fechados de aprendizagem. (Coll, Bustos & Engels, 2010)

Segundo Turkle (1997) o facto de as pessoas estarem conectadas implica que elas tenham uma

atitude mais reflexiva e interativa visto que há sempre mudanças de atitudes e comportamentos na rede. No grupo, pretendíamos que os formandos participassem, que partilhassem e isso fez com que o grupo estivesse sempre em movimento, havia sempre algo novo para ver, ouvir e/ou comentar.

Qualquer pessoa que tenha acesso a uma conta do Facebook poderá criar e/ou aderir a grupos. Esses grupos podem ser abertos (livre acesso), fechados (acesso condicionado) ou secretos (para entrar no grupo é preciso ser convidado por algum membro). Esses grupos que poderemos chamar de Comunidade Virtual (Shumar & Renninger, 2002, pp. 1-2) implicam “uma combinação de interação física e virtual, de imaginação social e de identidade. São diferentes das comunidades físicas nas quais é permitido ampliar o alcance da comunidade e nas quais os indivíduos podem construir suas comunidades pessoais”.

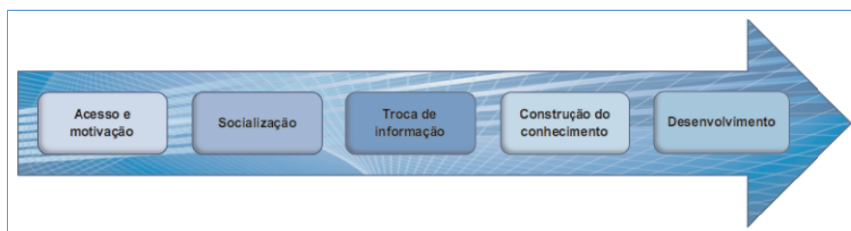
Partindo desse ponto de vista, definiremos a Comunidade Virtual de Aprendizagem, como sendo um grupo de pessoas prontas para colaborar, partilhar e aprender com seus pares para que possam alcançar novas metas e, assim, cumprirem alguns objetivos de aprendizagem (Lewis & Allan, 2005).

As Comunidades Virtuais (CV), segundo Coll, Bustos, e Engel (2010), possuem três níveis, são eles: Comunidades Virtuais de Interesse (CVI), Comunidade Virtual de Participação (CVP) e Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA).

As CVI são grupos que podemos aderir apenas devido ao nosso interesse em um determinado assunto, tema, acontecimento, local, etc. As CVP são grupos em que aderimos para participar, opinar, trocar informações, tirar dúvidas, ajudar a solucionar problemas entre outros quando algo é postado por algum membro do grupo. Por fim as CVA em que os membros desse grupo têm como intenção a aprendizagem, ou seja, a intenção de aprender com o grupo. Para os autores Coll, Bustos e Engel (2010) o principal objetivo da CVA é a aprendizagem. Para isso, os membros desenvolvem estratégias, atividades, e papéis específicos para a aquisição de novas aprendizagens.

Podemos sintetizar essas etapas de desenvolvimento de um grupo online através da seguinte imagem (Figura 1):

Figura 1: Etapas de desenvolvimento de um grupo online segundo Peres & Pimenta (2011, p.76)



Salmom (2005), Peres & Pimenta (2011) enfatizam que, para que todas essas etapas possam ser alcançadas, caberá ao administrador do grupo promover a interação dos participantes e estimular a participação de cada um, caso contrário, os participantes raramente irão ultrapassar o segundo nível de desenvolvimento.

OBJETIVOS DO ESTUDO

O nosso estudo teve como objetivo conhecer a percepção de educadores de infância e professores de primeiro ciclo do ensino básico relativamente ao uso do Facebook por parte das crianças, bem como às emoções que as crianças manifestam neste uso.

METODOLOGIA

A metodologia que utilizámos foi mista, combinando métodos quantitativos com técnicas de análise qualitativa e interpretativa, constituindo assim uma abordagem dialógica (Brown & Dowling, 1998). Contudo as variáveis apresentadas neste estudo são essencialmente de índole quantitativa, não obstante a sua análise interpretativa. Foi um estudo transversal, para o qual construímos e validámos um questionário específico, com questões fechadas sobre o uso do Facebook pelas crianças, além de outras questões algumas das quais abertas. O instrumento foi disponibilizado e preenchido pelos educadores e professores de forma online através do Google Forms.

A nossa amostra foi composta por 24% (18) de educadores de infância 73,3% (55) de professores do primeiro ciclo do Ensino Básico e por 2,7% (2) de professores que lecionam em ambos os casos (professores do Ensino Especial). Da totalidade 69 eram do género feminino e 6 do género masculino. A faixa etária situou-se entre os 25 aos 56 anos de idade. 10,7% tinham até 30 anos de idade, de 31 a 40 anos 33,3%, de 41 a 50 anos de idade 29,3% e acima de 51 anos 26,7%. Quanto ao tempo de serviço a que lecionavam, 17,3% possuíam até 5 anos de serviço, de 6 a 10 anos temos 8%, de 11 a 15 anos 21,3%, de 16 a 20 anos 17,3%, de 21 a 25 apenas 2,7%, de 26 a 30 anos 18,7% de 30 a 35 anos 13,3% e somente 1,3% possuía mais de 35 anos de serviço.

Através do gráfico 1 podemos observar que 65% dos educadores e professores do 1º ciclo discordam ou discordam totalmente que os seus alunos tenham acesso a uma conta no Facebook, provavelmente isso se deve ao facto das crianças só poderem aderir ao Facebook a partir dos 13 anos de idade. Porém, nada as impede de ter acesso ao Facebook de terceiros, como mostra os outros 35% da nossa amostra.

Na visão dos professores os seus alunos não usam o Facebook para fazer novas amizades (72%), não consideram que o Facebook seja um passatempo para as crianças e, na sua maioria, 64% discordam totalmente que os seus alunos aceitem pedidos de amizade de pessoas que não conhecem pessoalmente.

O chat do Facebook parece ser usado apenas para que as crianças se comuniquem com os seus amigos e familiares na opinião de 48% e raramente com pessoas que elas não conhecem, pois 62% dos professores/educadores disseram que discordam totalmente que os seus alunos conversem pelo chat com pessoas que eles não conhecem. Lembramos que 25% da nossa amostra são educadores de infância e, portanto, os seus alunos ainda não sabem ler nem escrever.

Perguntamos se os professores/educadores acreditavam que os alunos deixassem algum adulto aceder a conta deles do Facebook e neste caso o número de respostas em relação ao concordo totalmente foi de 17%, ao concordo 34%, ao discordo 8% e ao discordo totalmente foi de 41%, verificando-se que de uma forma geral os professores discordam que os adultos tenham acesso a conta dos seus educandos.

Um dos motivos que poderia fazer com que algumas crianças aderissem ao Facebook seria o facto de terem acesso aos jogos. Porém para os professores 16% concordam totalmente, 28% concordam, 27% discordam e 29% discordam totalmente.

Um dos motivos que fazem algumas crianças fazerem uma conta no Facebook é para ter acesso aos jogos, porém para os professores 16% concordam totalmente, 28% concordam, 27% discordam e 29% discordam totalmente.

Tentamos também perceber se o Facebook poderia ser utilizado como uma forma de se integrar em grupos de interesse, de participação e de aprendizagem.

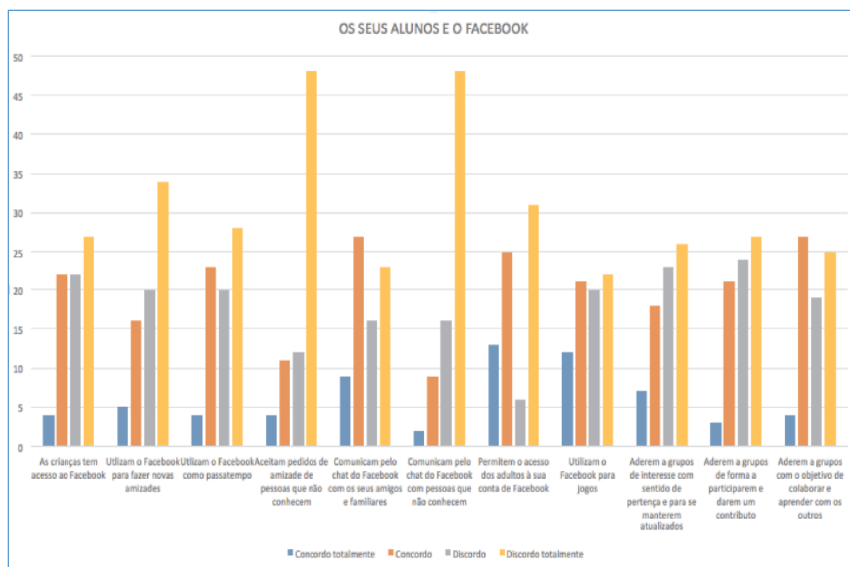
Atualmente, os profissionais da educação discutem muito a utilização das tecnologias da Web 2.0 e os serviços de software social (blogs, wikis, mundos virtuais, social bookmarking, ...) em contexto educativo, no entanto a utilização das redes sociais nestes contextos ainda encontra bastantes resistências, talvez por ser uma tecnologia recente e ainda incompreendida como ambiente de

aprendizagem. Não obstante, não podemos escamotear o facto das redes sociais serem o *habitat* das gerações que, atualmente, recebemos nas nossas escolas. E por isso, incorporar as redes sociais na escola parece-nos um passo inevitável para mantermos a proximidade com os nossos estudantes. (Moreira & Januário, 2014, p. 68)

No que diz respeito às CV também perguntamos em relação aos três tipos de grupos. 35% discordam totalmente que os alunos adiram a CVI, 36% a CVP e 34% a CVA. Para os que discordam obtivemos 31% para as CVI, 32% para as CVP e 25% para as CVA. Sendo assim constatamos que poucos acreditam que os alunos possam ir ao Facebook com o intuito de aderir a um grupo de interesse (34%), grupo de participação (32%) ou mesmo um grupo com o intuito de aprender (41%). Curiosamente os professores até acham que se os seus alunos fizerem parte de um grupo dentro da rede social ele será para aprender. Lembramos que um grupo no Facebook que possa ser considerado uma CVA, inicialmente ele tem membros a aderir apenas por interesse. Quando os membros se sentem à vontade para participar e dialogar com os outros membros é quando esse mesmo grupo passa a ser uma CVP. Caberá ao moderador do grupo incentivar os membros do mesmo a trocarem informação, a partilharem conhecimentos para que então possa haver momentos de aprendizagem dentro do grupo. Só nesta fase é que poderemos considerar que o grupo evoluiu para uma CVA (Coll, Bustos & Engel, 2010). Um outro factor que pode levar as crianças a aderirem diretamente a um grupo de aprendizagem será por indicação de algum professor e/ou amigos e familiares. Neste caso o grupo já estará formado com tal intuito.

O gráfico da Figura 2 reúne os resultados obtidos para a percepção dos professores sobre o uso do Facebook.

Figura 2: Opinião dos educadores/professores sobre o uso do Facebook pelos seus alunos.



Outro aspeto relacionado com o Facebook que perguntamos aos educadores e professores está relacionado com os sentimentos e com as suas emoções que as crianças experimentam aquando do uso do Facebook. Segundo Amante (2014) muitas vezes acusamos a sociedade em rede de levar ao isolamento dos indivíduos, onde o contato presencial é menor que o contato virtual, porém a investigação mostra exatamente o contrário, pois segundo Castells (2005)

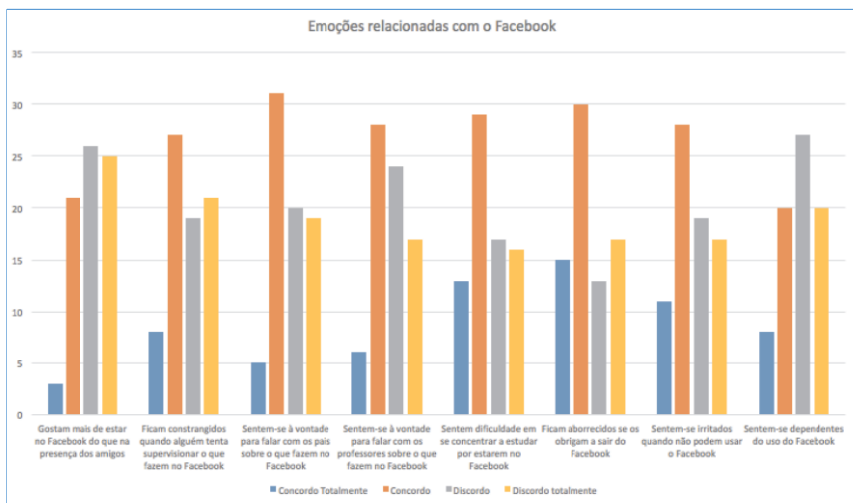
a maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contatos e são social e politicamente mais ativos do que os não utilizadores. Além disso, quanto mais usam a Internet, mais se envolvem, simultaneamente, em interações, face a face, em todos os domínios das suas vidas (p.23)

Os dados do gráfico da Figura 3 também mostram que segundo os educadores e professores as crianças preferem o contato presencial ao contato virtual. 33% discordam totalmente e 28% discordam da ideia de que os alunos gostam mais de estar no Facebook do que na presença dos amigos. Apenas 4% concordam totalmente e 28% concordam que os alunos gostem mais de estar no Facebook do que com os amigos.

De todos os professores e educadores que integraram este estudo 28% discordam totalmente e 25% discordam que os alunos fiquem constrangidos ao serem supervisionados por algum adulto. Dos restantes, 36% concordam e 11% concordam totalmente que os alunos se sintam constrangidos ao serem supervisionados durante o acesso ao Facebook.

Um aspeto importante, no nosso ponto de vista, diz respeito aos alunos sentirem-se à vontade para falar com os pais e/ou professores sobre o que eles fazem na respetiva rede social. Curiosamente mais de 50% dos educadores/professores acreditam que eles não se sentem à vontade para contar. 25% discordam totalmente e 27% discordam desse à vontade com os pais. Em relação ao facto de as crianças se sentirem à vontade para falarem com os seus professores 23% discordam totalmente e 32% discordam que os alunos tenham sintam essa abertura para contar o que fazem nas redes sociais.

Figura 3: Opinião dos educadores/professores sobre as emoções dos seus alunos associadas ao uso do Facebook



CONCLUSÕES

Os nossos resultados evidenciam que os professores e educadores discordam essencialmente que as crianças aceitem pedidos de amizade e comuniquem pelo chat do Facebook com pessoas que não conhecem. Porém, eles concordam que as crianças possam usar o chat para comunicar com familiares e amigos.

Segundo a opinião dos professores os seus alunos quando aderem a um grupo no Facebook fazem-no preferencialmente com o objetivo de aprender. Aparentemente os alunos não demonstram constrangimento quando são supervisionados por um adulto, pois permitem o acesso dos adultos à sua conta.

No respeitante a emoções e sentimentos registou-se maior discordância quanto ao facto de as crianças preferirem estar no Facebook do que na presença dos seus amigos e de se sentirem dependentes do uso do mesmo. Porém, observou-se o maior nível de concordância para o facto de ficarem aborrecidas se as obrigarem a sair do Facebook. Concluimos, então, que apesar dos alunos se mostrarem aborrecidos quando têm de sair do Facebook isso não deve acontecer quando eles têm de ir brincar com os seus colegas da “vida real” visto que eles preferem a presença real dos amigos do que estar com os amigos virtuais.

Podemos dizer que não encontramos grande discrepância nas respostas dos educadores de infância comparativamente às dos professores de primeiro ciclo do ensino básico como poderia ter acontecido visto que a maioria dos alunos do jardim-de-infância ainda não sabe ler nem escrever e poderia utilizar a internet, nomeadamente o Facebook apenas para atividades lúdicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amante, L. (2014). Facebook e novas sociabilidades. Em C. Porto, & E. Santos, Facebook e Educação: Publicar, curtir e compartilhar (1ª ed., pp. 27-46). Campina Grande, Brasil: EDUEPB.
- Brown, A. & Dowling, P. (1998). Doing Research/Reading Research. A Mode of Interrogation for Education. London: Falmer Press.
- Castells, M. (2005). A sociedade em rede: do conhecimento à política. Em M. Castells, & O. G. Cardoso, A sociedade em rede do conhecimento à ação política (pp. 17-30). Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Castells, M. (1996). La Era de La Información. Economía, Sociedad y Cultura. La Sociedad Red (Vol. 1). Madrid: Ed. Alianza.
- Coll, C., Bustos, A., & Engel, A. (2010). As comunidades Virtuais de aprendizagem. In C. Coll, & C. Monereo, Psicologia da Educação Virtual - Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Porto Alegre: Artmed.
- Dias, P. (22 e 23 de 07 de 2001). Comunidades de Conhecimento e Aprendizagem Colaborativa - Prof2000. Obtido em 10 de 12 de 2012, de http://www.prof2000.pt/users/mfflores/teorica6_02.htm
- Kirkpatrick, D. (2011). O Efeito Facebook (Babel ed.). Lisboa: Arcádia.
- Lewis, D., & Allan, B. (2005). Virtual Learning Communities. A Guide for Practitioners. London: Open University Press.
- Moreira, J. A., & Januário, S. (2014). Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. Em E. Santos, & C. Porto, Facebook e Educação: Publicar, curtir e compartilhar (pp. 67-84). Campina Grande, Brasil: EDUEPB.
- Peres, P., & Pimenta, P. (2011). Teorias e Práticas de B-Learning. Lisboa: Edições Sílabo.
- Piscitelli, A., Adaime, I., & Binder, I. (Maio de 2010). El Proyecto Facebook y la posuniversidad. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje. Obtido em 12 de Janeiro de 2012, de

- <http://www.fundacion.telefonica.com/es>:
http://www.fundacion.telefonica.com/es/arte_cultura/publicaciones/detalle/4
- Salmom, G. (2005). *E-Moderating: The Key to Teaching and Learning Online*. London and New York: RoutledgeFalmer.
- Shumar, W., & Renninger, A. K. (2002). Conceptualizing Community. In A. K. Renninger, & W. (. Shumar, *Building Learning communities. Learning and change in cyberspace* (pp. 1-17). Cambridge: Cambridge University Press.
- Silva Filho, A. M. (2010). Redes Sociais na Era da Conectividade. *Revista Espaço Acadêmico*, 10(15), pp. 64-68.
- Turkle, S. (1997). *A vida no ecrã - A Identidade na Era da Internet*. Lisboa: Relógio D'Água.

